

Entrevista com Cesare Giuseppe Galvan

César Bolaño

Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Brasil.

Contato: bolano.ufs@gmail.com

Cesare Giuseppe Galvan, nascido na Itália, onde se formou em Filosofia, chegou à Bahia, sua “segunda pátria” em 1956, aos 26 anos de idade. Depois de um período de estudos no Brasil e na Itália, completando sua formação em Economia, voltou à Bahia, ingressando na UFBA a finais da década de sessenta. Foi por um ano (1956-57) pesquisador no INPE, em São José dos Campos. De lá mudou-se para o Recife, onde entre outras atividades (UFPE) participou da fundação do Centro Josué de Castro, do qual continua sócio até hoje. Trabalhou em várias universidades no Brasil (UFBA, UFPB, UFCE, UFPB, UFSC) e no exterior (UNAM, Oldenburg, Bielefeld) nos campos de Economia Política e da História da ciência e da Tecnologia, bem como interfaces com outras disciplinas, a exemplo da História e da Geografia. Publica nas áreas como Desenvolvimento Econômico, Economia Regional ou História do Pensamento, com destaque para a relação entre Moeda e Filosofia. Nos anos 1980 realizou uma célebre pesquisa sobre a tecnologia nuclear, a que se faz referência na entrevista. Traduziu ao português, do



original alemão, a última versão do trabalho seminal de Alfred Sohn-Rethel sobre a separação entre trabalho manual e intelectual.

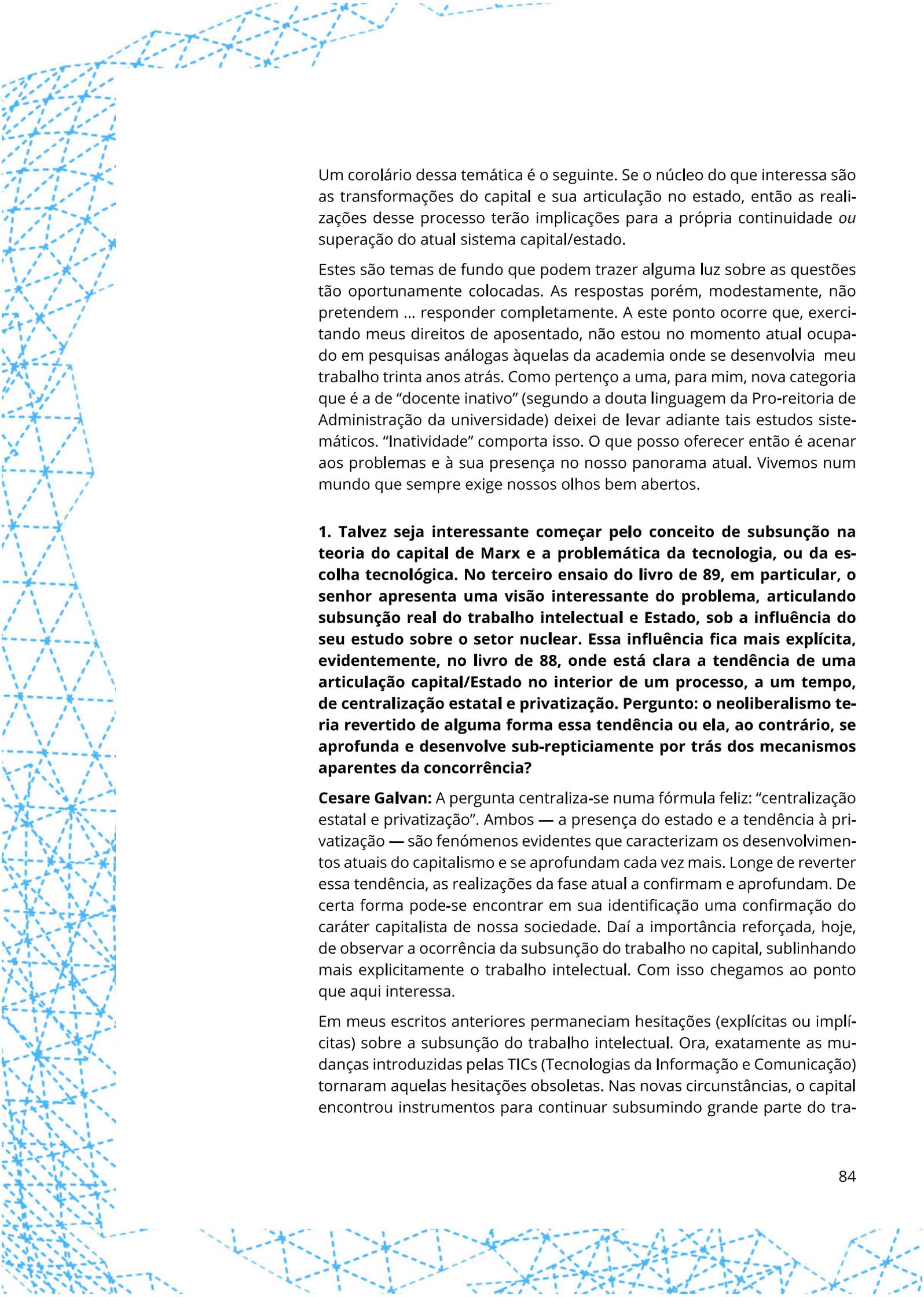
O seu livro sobre a expansão nuclear alemã, de 1988, está cumprindo 30 anos e *Capital, tecnologia e questionamentos*, do ano seguinte, completa também três décadas em 2019. Neste último, que recolhe aliás reflexões anteriores, o senhor tem o cuidado de dizer que, antes de definir cenários de futuro, a proposta seria “pensar o presente como história”. Retomo então a questão agora que o futuro chegou e podemos fazer um balanço das tendências que se apresentavam naquele momento: “para onde estamos — aliás: já estávamos — indo de fato?” Em outros termos, convido-o a fazer, se não cenários de futuro, agora que o nosso horizonte de três décadas é 2048, ou 49, uma nova síntese, considerando os desdobramentos que pudemos acompanhar desde então da relação entre capital e tecnologia.

Cesare Galvan: Estava eu ainda retomando minha proposta de pensar o presente como história, quando recebi um dos convites mais agradáveis que podia imaginar. César Bolaño, sempre grande amigo e mestre, convidou-me a colaborar com a revista EPTIC respondendo às questões aqui formuladas. Agradeço sentidamente por tal oportunidade de voltar ao debate bem no meio de minha aposentadoria.

Creio que seja oportuno abrir com uma breve introdução quanto vou redigir, pois se trata de retomar temáticas das quais me ocupei trinta anos atrás. O que precisa ser explicitado antes de entrar nos vários pontos a seguir é uma espécie de esquema de um assunto subjacente. Trata-se de responder a perguntas que acompanham o campo onde me situei naquela época de intensa atividade de pesquisa e debate: a história da ciência e da tecnologia. Um dos assuntos (não o mais importante, entenda-se) que sempre nos acompanhava dizia respeito à importância relativa das várias ciências e tecnologias no campo de sua história e desenvolvimento. E ao dinamismo que formou o calendário de seu aparecimento e difusão.

Os dois livros acima mencionados tinham como pano de fundo uma fase agora ultrapassada caracterizada pela importância da ciência e tecnologia atômica em nossa história. A proposta que recebi de César Bolaño centra-se, por sua vez, no papel revolucionário das TIC, Tecnologias da Informação e Comunicação, um fenômeno que ninguém deixa de reconhecer na época em que vivemos. Descritivamente, é como se tivéssemos passado da importância da tecnologia nuclear, com todos os seus problemas captando a atenção no pós-guerra, para a realização da difusão e domínio do computador aplicado ao campo da comunicação humana.

Em ambos os casos tratava-se inclusive da economia, mas não só: todos os outros aspectos da atividade humana estão concernidos. Nem se trata unicamente da produção. A presença dos novos meios de comunicação transforma todos os campos da atividade humana. Penetra inclusive, para retomar o economês, no âmbito do consumo.



Um corolário dessa temática é o seguinte. Se o núcleo do que interessa são as transformações do capital e sua articulação no estado, então as realizações desse processo terão implicações para a própria continuidade ou superação do atual sistema capital/estado.

Estes são temas de fundo que podem trazer alguma luz sobre as questões tão oportunamente colocadas. As respostas porém, modestamente, não pretendem ... responder completamente. A este ponto ocorre que, exercitando meus direitos de aposentado, não estou no momento atual ocupado em pesquisas análogas às aquelas da academia onde se desenvolvia meu trabalho trinta anos atrás. Como pertença a uma, para mim, nova categoria que é a de “docente inativo” (segundo a doura linguagem da Pro-reitoria de Administração da universidade) deixei de levar adiante tais estudos sistemáticos. “Inatividade” comporta isso. O que posso oferecer então é acenar aos problemas e à sua presença no nosso panorama atual. Vivemos num mundo que sempre exige nossos olhos bem abertos.

1. Talvez seja interessante começar pelo conceito de subsunção na teoria do capital de Marx e a problemática da tecnologia, ou da escolha tecnológica. No terceiro ensaio do livro de 89, em particular, o senhor apresenta uma visão interessante do problema, articulando subsunção real do trabalho intelectual e Estado, sob a influência do seu estudo sobre o setor nuclear. Essa influência fica mais explícita, evidentemente, no livro de 88, onde está clara a tendência de uma articulação capital/Estado no interior de um processo, a um tempo, de centralização estatal e privatização. Pergunto: o neoliberalismo teria revertido de alguma forma essa tendência ou ela, ao contrário, se aprofunda e desenvolve sub-repticiamente por trás dos mecanismos aparentes da concorrência?

Cesare Galvan: A pergunta centraliza-se numa fórmula feliz: “centralização estatal e privatização”. Ambos — a presença do estado e a tendência à privatização — são fenômenos evidentes que caracterizam os desenvolvimentos atuais do capitalismo e se aprofundam cada vez mais. Longe de reverter essa tendência, as realizações da fase atual a confirmam e aprofundam. De certa forma pode-se encontrar em sua identificação uma confirmação do caráter capitalista de nossa sociedade. Daí a importância reforçada, hoje, de observar a ocorrência da subsunção do trabalho no capital, sublinhando mais explicitamente o trabalho intelectual. Com isso chegamos ao ponto que aqui interessa.

Em meus escritos anteriores permaneciam hesitações (explícitas ou implícitas) sobre a subsunção do trabalho intelectual. Ora, exatamente as mudanças introduzidas pelas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) tornaram aquelas hesitações obsoletas. Nas novas circunstâncias, o capital encontrou instrumentos para continuar subsumindo grande parte do tra-



balho intelectual: onde o produto a ser fornecido é de natureza intelectual, só o trabalho intelectual poderá fornecê-lo. Paradoxalmente (talvez) o mesmo desenvolvimento fornece com relativa frequência ao trabalhador intelectual instrumentos pelos quais ele pode gerar seu produto sem depender do capital ou do estado. Note-se a ambiguidade desse processo.

Ouso aqui prosseguir restringindo-me a um nível preliminar e hipotético. Motivo: não me dediquei, nestes anos de aposentadoria que me caracteriza no século vinte e um, a nenhuma pesquisa sistemática sobre o assunto. Que, aliás, bem a mereceria. O que lá vai, portanto, foi elaborado pensando em apresentar alguma sugestão preliminar.

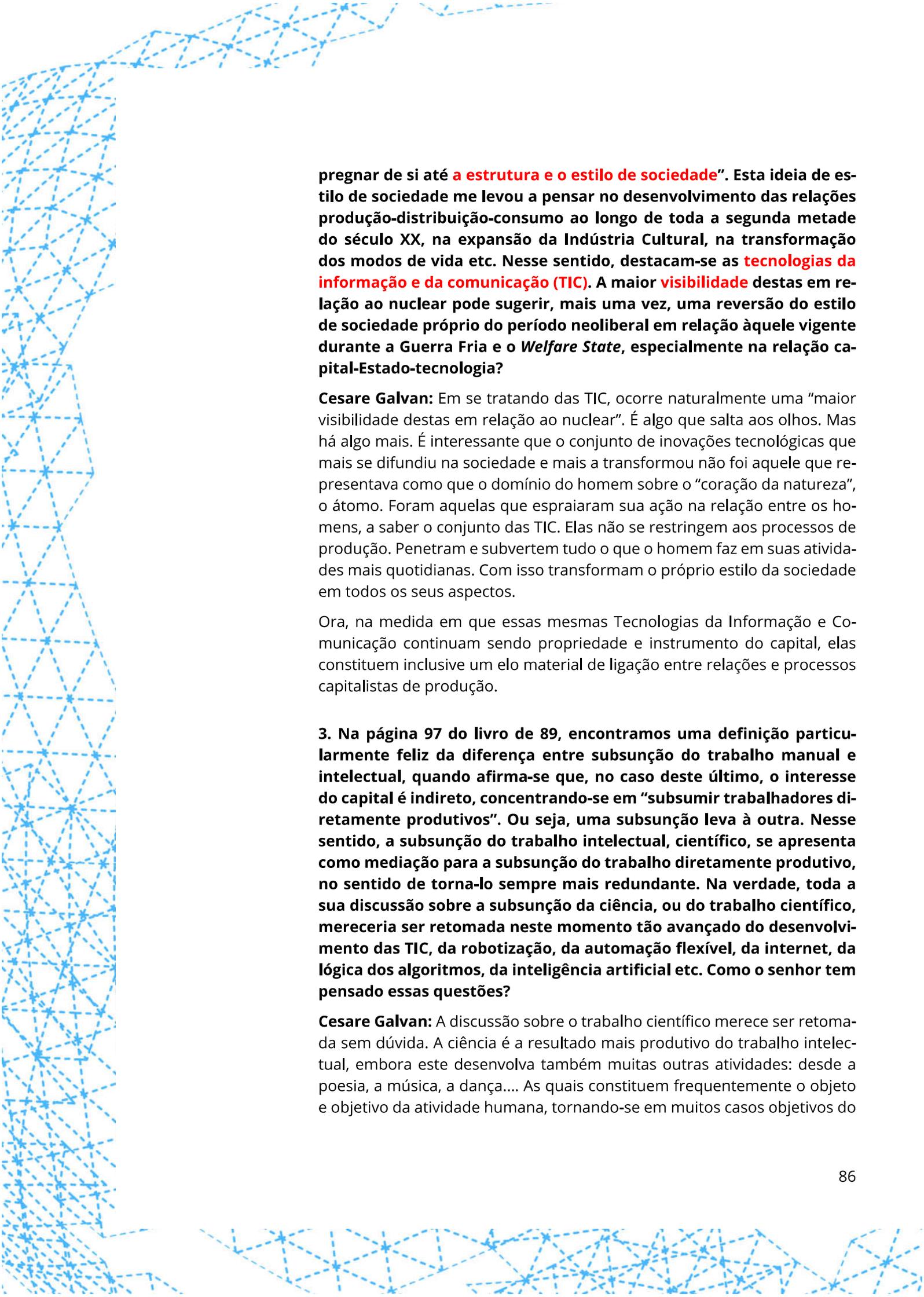
Subsunção não significa dependência, embora não a negue, pois a relação de subsunção é algo mais: ela é imediatamente inerente e intrínseca na própria constituição do capital. É o nexu que o define. Há, portanto, subsunção do trabalho no capital toda vez que há capital. Teremos capital quando um desses elementos componentes estiver presente: trabalho subsumido e capital que o subsume. Ambos não somente compõem. Eles se definem reciprocamente.

O trabalho intelectual faz parte dessa realidade a partir do momento em que ele próprio está incluído no movimento do capital. Assim, quando o produto mais almejado pela estrutura produtiva em sua fase atual é de natureza intelectual, o trabalho que o produz e reproduz será, ele mesmo, intelectual. Pensemos, por exemplo, ao que está em jogo nas atividades dos que trabalham em firmas que operam as conexões internet, com todas as suas malhas e implicações. Ou então na rede de firmas cujo produto é o próprio uso final dos meios de comunicação. Por exemplo cinema, televisão, telefone, internet,...

Se não for "intelectual", seu "produto" não interessa ao capital que o contratou, pelo menos não como finalidade principal a ser atingida. Intelectual será então o trabalho contratado pelos maiores grupos capitalistas destes novos tempos. Que o digam Google, Microsoft, Facebook, e muitos outros: com todas as complicações em que se encontram envolvidos. complicações que eles enfrentam explorando trabalho intelectual.

Para concluir a questão poderíamos aqui retomar o seu começo: o conceito de subsunção. O que ele nos diz é que o trabalho ao ser subsumido define o capital como relação social e processo de produção.

2. Ainda no livro de 88, há um parágrafo inspirado, na página 105, onde se afirma que "por 'livres' que sejam as escolhas de novos métodos de trabalho, de novos produtos, de novas instalações sobretudo, uma característica tenderá a dominar estes cenários que vêm sendo mão a mão construídos: o novo panorama tecnológico tenderá a corporificar a relação fundamental de **subsunção, de modo que ela chegue a im-**



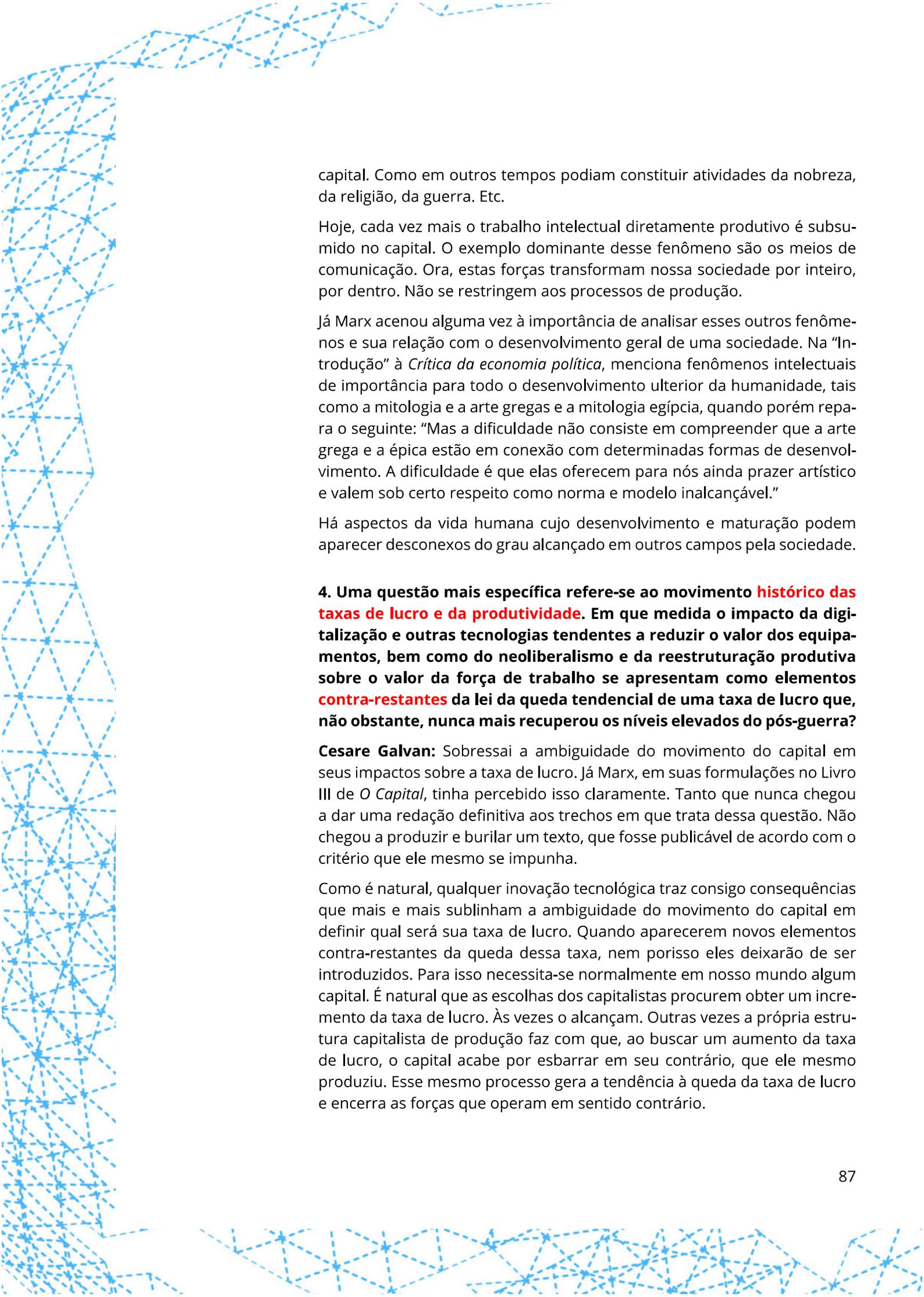
pregnar de si até **a estrutura e o estilo de sociedade**". Esta ideia de estilo de sociedade me levou a pensar no desenvolvimento das relações produção-distribuição-consumo ao longo de toda a segunda metade do século XX, na expansão da Indústria Cultural, na transformação dos modos de vida etc. Nesse sentido, destacam-se as **tecnologias da informação e da comunicação (TIC)**. A maior **visibilidade** destas em relação ao nuclear pode sugerir, mais uma vez, uma reversão do estilo de sociedade próprio do período neoliberal em relação àquele vigente durante a Guerra Fria e o *Welfare State*, especialmente na relação capital-Estado-tecnologia?

Cesare Galvan: Em se tratando das TIC, ocorre naturalmente uma "maior visibilidade destas em relação ao nuclear". É algo que salta aos olhos. Mas há algo mais. É interessante que o conjunto de inovações tecnológicas que mais se difundiu na sociedade e mais a transformou não foi aquele que representava como que o domínio do homem sobre o "coração da natureza", o átomo. Foram aquelas que espalharam sua ação na relação entre os homens, a saber o conjunto das TIC. Elas não se restringem aos processos de produção. Penetram e subvertem tudo o que o homem faz em suas atividades mais cotidianas. Com isso transformam o próprio estilo da sociedade em todos os seus aspectos.

Ora, na medida em que essas mesmas Tecnologias da Informação e Comunicação continuam sendo propriedade e instrumento do capital, elas constituem inclusive um elo material de ligação entre relações e processos capitalistas de produção.

3. Na página 97 do livro de 89, encontramos uma definição particularmente feliz da diferença entre subsunção do trabalho manual e intelectual, quando afirma-se que, no caso deste último, o interesse do capital é indireto, concentrando-se em "subsumir trabalhadores diretamente produtivos". Ou seja, uma subsunção leva à outra. Nesse sentido, a subsunção do trabalho intelectual, científico, se apresenta como mediação para a subsunção do trabalho diretamente produtivo, no sentido de torna-lo sempre mais redundante. Na verdade, toda a sua discussão sobre a subsunção da ciência, ou do trabalho científico, mereceria ser retomada neste momento tão avançado do desenvolvimento das TIC, da robotização, da automação flexível, da internet, da lógica dos algoritmos, da inteligência artificial etc. Como o senhor tem pensado essas questões?

Cesare Galvan: A discussão sobre o trabalho científico merece ser retomada sem dúvida. A ciência é a resultado mais produtivo do trabalho intelectual, embora este desenvolva também muitas outras atividades: desde a poesia, a música, a dança.... As quais constituem frequentemente o objeto e objetivo da atividade humana, tornando-se em muitos casos objetivos do



capital. Como em outros tempos podiam constituir atividades da nobreza, da religião, da guerra. Etc.

Hoje, cada vez mais o trabalho intelectual diretamente produtivo é subsumido no capital. O exemplo dominante desse fenômeno são os meios de comunicação. Ora, estas forças transformam nossa sociedade por inteiro, por dentro. Não se restringem aos processos de produção.

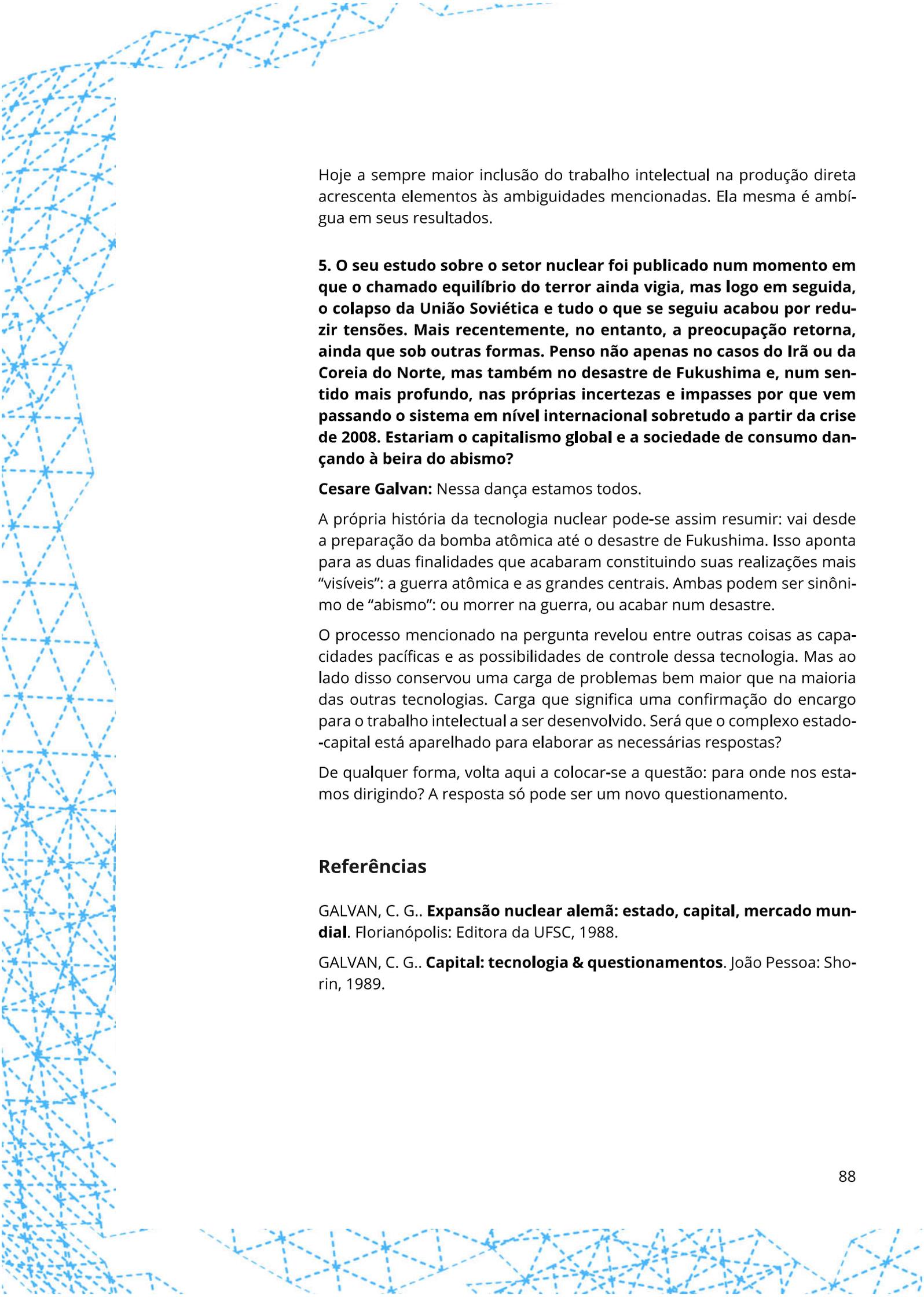
Já Marx acenou alguma vez à importância de analisar esses outros fenômenos e sua relação com o desenvolvimento geral de uma sociedade. Na “Introdução” à *Crítica da economia política*, menciona fenômenos intelectuais de importância para todo o desenvolvimento ulterior da humanidade, tais como a mitologia e a arte gregas e a mitologia egípcia, quando porém repara o seguinte: “Mas a dificuldade não consiste em compreender que a arte grega e a épica estão em conexão com determinadas formas de desenvolvimento. A dificuldade é que elas oferecem para nós ainda prazer artístico e valem sob certo respeito como norma e modelo inalcançável.”

Há aspectos da vida humana cujo desenvolvimento e maturação podem aparecer desconexos do grau alcançado em outros campos pela sociedade.

4. Uma questão mais específica refere-se ao movimento histórico das taxas de lucro e da produtividade. Em que medida o impacto da digitalização e outras tecnologias tendentes a reduzir o valor dos equipamentos, bem como do neoliberalismo e da reestruturação produtiva sobre o valor da força de trabalho se apresentam como elementos contra-restantes da lei da queda tendencial de uma taxa de lucro que, não obstante, nunca mais recuperou os níveis elevados do pós-guerra?

Cesare Galvan: Sobressai a ambiguidade do movimento do capital em seus impactos sobre a taxa de lucro. Já Marx, em suas formulações no Livro III de *O Capital*, tinha percebido isso claramente. Tanto que nunca chegou a dar uma redação definitiva aos trechos em que trata dessa questão. Não chegou a produzir e burilar um texto, que fosse publicável de acordo com o critério que ele mesmo se impunha.

Como é natural, qualquer inovação tecnológica traz consigo consequências que mais e mais sublinham a ambiguidade do movimento do capital em definir qual será sua taxa de lucro. Quando aparecerem novos elementos contra-restantes da queda dessa taxa, nem por isso eles deixarão de ser introduzidos. Para isso necessita-se normalmente em nosso mundo algum capital. É natural que as escolhas dos capitalistas procurem obter um incremento da taxa de lucro. Às vezes o alcançam. Outras vezes a própria estrutura capitalista de produção faz com que, ao buscar um aumento da taxa de lucro, o capital acabe por esbarrar em seu contrário, que ele mesmo produziu. Esse mesmo processo gera a tendência à queda da taxa de lucro e encerra as forças que operam em sentido contrário.



Hoje a sempre maior inclusão do trabalho intelectual na produção direta acrescenta elementos às ambiguidades mencionadas. Ela mesma é ambígua em seus resultados.

5. O seu estudo sobre o setor nuclear foi publicado num momento em que o chamado equilíbrio do terror ainda vigia, mas logo em seguida, o colapso da União Soviética e tudo o que se seguiu acabou por reduzir tensões. Mais recentemente, no entanto, a preocupação retorna, ainda que sob outras formas. Penso não apenas no casos do Irã ou da Coreia do Norte, mas também no desastre de Fukushima e, num sentido mais profundo, nas próprias incertezas e impasses por que vem passando o sistema em nível internacional sobretudo a partir da crise de 2008. Estariam o capitalismo global e a sociedade de consumo dançando à beira do abismo?

Cesare Galvan: Nessa dança estamos todos.

A própria história da tecnologia nuclear pode-se assim resumir: vai desde a preparação da bomba atômica até o desastre de Fukushima. Isso aponta para as duas finalidades que acabaram constituindo suas realizações mais “visíveis”: a guerra atômica e as grandes centrais. Ambas podem ser sinônimo de “abismo”: ou morrer na guerra, ou acabar num desastre.

O processo mencionado na pergunta revelou entre outras coisas as capacidades pacíficas e as possibilidades de controle dessa tecnologia. Mas ao lado disso conservou uma carga de problemas bem maior que na maioria das outras tecnologias. Carga que significa uma confirmação do encargo para o trabalho intelectual a ser desenvolvido. Será que o complexo estado-capital está aparelhado para elaborar as necessárias respostas?

De qualquer forma, volta aqui a colocar-se a questão: para onde nos estamos dirigindo? A resposta só pode ser um novo questionamento.

Referências

GALVAN, C. G.. **Expansão nuclear alemã: estado, capital, mercado mundial**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

GALVAN, C. G.. **Capital: tecnologia & questionamentos**. João Pessoa: Shorin, 1989.